



LHM

A LIBERDADE DAS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DA AUTENTICIDADE DAS EXPERIÊNCIAS AFETIVAS EM *THE SECRET GARDEN*

Naiani Borges Toledo* ¹

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
e-mail: naianibt@hotmail.com

Acir Dias da Silva* ²

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
e-mail: acirdias@yahoo.com.br

Resumo: A pesquisa ora apresentada concentra-se na análise das dinâmicas emocionais e afetivas em *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, à luz das reflexões filosóficas de Ahmed (2019), Camus (2019) e Sartre (2010). O objetivo é discutir como as emoções – sejam elas a felicidade ou a infelicidade – não devem ser impostas ou definidas pela sociedade, mas vividas de maneira autêntica e subjetiva. A investigação explora as experiências das personagens Mary, Colin, Dickon e Martha, buscando compreender a relação entre felicidade, infelicidade, condições socioeconômicas e relações familiares. Nesse contexto, questiona-se se essas emoções são determinadas por fatores externos ou pela capacidade de cada indivíduo de atribuir significado à sua vivência emocional. O estudo propõe uma análise das experiências afetivas das personagens, suas interações e transformações ao longo da trama, em diálogo com questões filosóficas sobre a liberdade emocional e a aceitação do absurdo da vida. A conclusão aponta que a verdadeira liberdade emocional reside na aceitação e vivência genuína das emoções, independentemente das expectativas sociais. Isso sugere que a felicidade não deve ser vista como uma meta a ser alcançada, mas como um processo fluido, em constante mudança e profundamente pessoal, que se reflete na capacidade de cada indivíduo de se conectar com suas emoções de maneira honesta e sem pressões externas.

Palavras-chave: Emoções. Direito à infelicidade. Aceitação do absurdo.

The Freedom of Emotions: An Analysis of the Authenticity of Affective Experiences in *The Secret Garden*

Abstract: The research presented here focuses on the analysis of emotional and affective dynamics in *The Secret Garden* (1911) by Frances Hodgson Burnett, in light of the philosophical reflections of Ahmed (2019), Camus (2019), and Sartre (2010). The goal is to discuss how emotions – whether happiness or unhappiness – should not be imposed or defined by society but lived authentically

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1589096201293708>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4833-0909>. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

²Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/Unioeste. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6902191554348937>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5428-6839>.



and subjectively. The investigation explores the experiences of the characters Mary, Colin, Dickon, and Martha, aiming to understand the relationship between happiness, unhappiness, socioeconomic conditions, and family relationships. In this context, the study questions whether these emotions are determined by external factors or by each individual's ability to assign meaning to their emotional experience. The study proposes an analysis of the characters' affective experiences, their interactions, and transformations throughout the plot, in dialogue with philosophical questions about emotional freedom and the acceptance of life's absurdity. The conclusion points out that true emotional freedom lies in the acceptance and genuine experience of emotions, regardless of social expectations. This suggests that happiness should not be seen as a goal to be achieved, but as a fluid, ever-changing, and deeply personal process that reflects each individual's ability to connect with their emotions in an honest and pressure-free manner.

Keywords: Emotions. Right to unhappiness. Acceptance of the absurd.

Introdução

A felicidade, frequentemente promovida como um valor essencial na sociedade contemporânea, é comumente associada a padrões idealizados e inatingíveis, muitas vezes impulsionados por influências externas, como as redes sociais. Esse fenômeno provoca uma busca incessante por uma felicidade superficial, que ignora as complexidades da experiência humana. No entanto, como propõe Ahmed (2019), a infelicidade pode ser uma forma legítima de resistência a esses padrões, permitindo uma vivência mais autêntica das emoções humanas.

Esse artigo problematiza a imposição da felicidade na sociedade moderna e da infelicidade também, situações em que a sociedade entende como aceitáveis para a infelicidade como o luto, por exemplo. Utilizamos a obra *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, para oferecer novas perspectivas sobre o significado dessas emoções. Através da análise das personagens de Mary, Martha, Dickon e Colin pretende-se entender como as emoções humanas podem ser vividas de forma mais autêntica e sem pressões sociais. Busca-se questionar as normas sociais que ditam a experiência emocional e propõem a felicidade como uma meta.

A abordagem teórica se baseia nas reflexões de Sara Ahmed (2019), Albert Camus (2019) e Jean-Paul Sartre (2010), cujas obras fornecem um alicerce filosófico para a análise da liberdade emocional e da aceitação do absurdo. Quanto à metodologia, a análise será interpretativa, centrada na observação das relações interpessoais e das transformações emocionais das personagens na obra *The Secret Garden*.



A liberdade das emoções

Ahmed (2019) nos propõe uma reflexão sobre o conceito de felicidade. A autora argumenta que, na sociedade contemporânea, a felicidade é apresentada como uma meta de vida, como se todos fossem obrigados a buscá-la e alcançá-la para atingir a realização plena “en los más diversos contextos, se caracteriza a la felicidad como el objeto del deseo humano, la meta de nuestros empeños y aquello que da propósito, sentido y orden a la vida humana” (Ahmed, 2019, p. 21). No entanto, essa imposição social da felicidade acaba por suprimir os sofrimentos vivenciados, especialmente por grupos marginalizados.

Nesse contexto, Ahmed propõe o conceito de “direito à infelicidade”, sugerindo que não há problema em não ser feliz o tempo todo:

La libertad de ser infeliz no tiene que ver estrictamente con sentirse triste o desdichadx, aunque suponga también la libertad de manifestar dichos sentimientos. La libertad de ser infeliz sería la libertad de dejarse afectar por lo infeliz, y de vivir una vida que pueda afectar a otros de una forma infeliz. La libertad de ser infeliz sería la libertad de vivir una vida que se aparte de la senda de la felicidad, sin importar a dónde nos lleve este desvío. (Ahmed, 2019, p. 387).

Para Ahmed, o “direito à infelicidade” vai além de sentir tristeza, mas caracteriza-se como o direito de sentir os sentimentos negativos e viver se afastando da busca da felicidade convencional, sem que isso seja julgado, já que essa busca incessante por uma felicidade idealizada socialmente nos limita de vivenciar a verdadeira liberdade sobre nossas emoções, nos priva de viver nossos sentimentos de maneira autêntica e individual.

Dessa maneira, essa infelicidade pode ser vista como uma forma de resistência às estruturas de poder estabelecidas pela sociedade, evidenciando como as emoções estão profundamente imbricadas nas relações de poder, especialmente no que se refere à felicidade.

Na obra *The Secret Garden* (1911), as personagens podem ser analisadas à luz dessa teoria e duas se destacam, a primeira é Martha, empregada na casa do Senhor Craven. Martha, com pouca escolaridade e linguagem popular, trabalha arduamente e destina todo o seu salário para sustentar sua mãe e irmãos em uma situação de extrema pobreza. Apesar das dificuldades, ela e seu irmão Dickon estão sempre alegres, mesmo tendo que contar



moedas para sobreviver. Essa felicidade constante, diante de tantas adversidades, nos leva a questionar até que ponto ela é genuína.

A segunda personagem é Mary, uma menina de dez anos, filha de pais ingleses, nascida na Índia durante o período da colonização britânica. Seu pai é um oficial do governo, e sua mãe, descrita como uma mulher fútil, nunca desejou ter filhos, sendo Mary uma criança não planejada “She had not wanted a little girl at all, and when Mary was born she handed her over to the care of an Ayah, who was made to understand that if she wished to please the Mem Sahib she must keep the child out of sight as much as possible” (Burnett, 1911, pg. 01).

A mãe de Mary representa a desconstrução da ideia de que toda mulher nasce para ser mãe e que toda mãe é boa. Desde o início, Mary é relegada aos cuidados de empregados que, para evitar inconvenientes, atendem a todas as suas vontades, tornando-a mimada e exigente. Nesse contexto, Mary exerce o seu “direito à infelicidade”, proposto por Ahmed.

A sociedade espera que, vivendo em um país com tantas dificuldades, mas sendo inglesa e com boas condições financeiras, Mary seja uma criança feliz, educada, gentil, com um estereótipo de princesa. No entanto, a falta de afeto dos pais e a sensação de não pertencimento a impedem de atender a esses padrões. Isso fica evidente em uma conversa com Martha, quando Mary se ofende ao ser chamada de "nativa", como se isso fosse um desrespeito “When I heard you was comin' from India I thought you was a black too. Mary sat up in bed furious. What! she said. What! You thought I was a native. You... you daughter of a pig! Martha stared and looked hot” (Burnett, 1911, pg. 34). No entanto, Mary nasceu na Índia e, de fato, é nativa desse país. Esse episódio revela um claro conflito na obra: Mary é inglesa sem ser inglesa, e indiana sem ser indiana. Embora tenha nascido na Índia, foi criada com expectativas e valores da sociedade inglesa.

Outro momento significativo de desconstrução ocorre durante um surto de cólera, que resulta na morte de seus pais e da empregada mais próxima. O que normalmente se espera é que Mary sinta tristeza, passe por um luto, chore e sofra. No entanto, ela não consegue demonstrar nenhum desses sentimentos. Mary é amarga e infeliz desde sempre. Durante esse episódio, a única coisa que fica evidente é o seu medo de ir para a Inglaterra morar com o tio. Ela teme a incerteza do que a aguarda e como será sua vida nessa nova etapa, mas ainda assim, embora esse receio seja claro para o leitor, para os demais personagens ela não deixa isso transpassar “when Mrs. Crawford told her that night that



she was going to sail away to England in a few days and go to her uncle, Mr. Archibald Craven, who lived at Misselthwaite Manor, she looked so stony and stubbornly uninterested that they did not know what to think about her (Burnett, 1911, pg. 13). A criança encara a morte, mas também o abandono dos empregados que sobreviveram, mas fugiram da casa, deixando-a sozinha de maneira inesperada e atípica.

Aqui, observamos dois extremos contrastantes. De um lado, temos Martha e Dickon, que nasceram e foram criados na Inglaterra em uma família de poucos recursos financeiros. Embora possuam pouca instrução formal, vivem em condições modestas e têm uma mãe amorosa, pouco se fala sobre o pai. A responsabilidade pela família recai praticamente toda sobre Susan, a mãe, o que evidencia a divisão de tarefas e a pressão sobre ela. Martha e Dickon, apesar das dificuldades financeiras, são retratados como alegres e otimistas.

Susan representa uma mãe imperfeita, mas talentosa, que observa e se importa profundamente não apenas com seus próprios filhos, mas com todas as crianças ao seu redor. Ela aprendeu a ser mãe na prática, respeitando o espaço de seus filhos e reconhecendo suas necessidades. Sua experiência a torna capaz de identificar pontos que os outros poderiam aprimorar, e, por isso, tenta, de maneira cuidadosa e discreta, oferecer conselhos ao Sr. Craven, que, na verdade, nem se comporta como pai para Colin nem assume a responsabilidade que deveria ter com Mary. Ao conviver com Susan, tanto Colin quanto Mary começam a perceber o que é ter alguém genuinamente preocupado com o bem-estar deles. Mary expressa esse reconhecimento de forma mais contida, ao dizer a Martha: “I like your mother” (Burnett, 1911, p. 77). Já Colin é mais explícito em seus sentimentos, dizendo: “You are just what I... what I wanted, he said. I wish you were my mother as well as Dickon's!” (Burnett, 1911, p. 352).

Por outro lado, temos Mary, uma criança nascida na Índia, mas criada para ser uma típica menina inglesa, embora, culturalmente, ela não se encaixe totalmente nesse perfil. Mary recebeu orientação escolar formal, mas também aprendeu muito por conta própria, o que revela sua natureza independente. Em termos financeiros, ela sempre teve bons recursos, e a falta de dinheiro nunca foi uma preocupação. No entanto, o que realmente lhe faltou foi carinho e atenção por parte dos pais. Embora tenha crescido em um ambiente de conforto material, a ausência de afeto e conexão emocional com seus pais a tornou uma criança carente de afeto e infeliz. Colin compartilha características semelhantes às de Mary,



já que não tem preocupações financeiras e também é criado pelos empregados, pois sua mãe faleceu, e seu pai, que nunca superou o luto, mantém-se distante dele.

Esses dois cenários ilustram como as condições de vida e as relações familiares moldam as experiências emocionais de Martha, Dickon, Mary e Colin apesar das diferenças em seus contextos socioeconômicos. A felicidade e a infelicidade, assim, não são apenas resultados das circunstâncias externas, mas também das dinâmicas emocionais e afetivas dentro das famílias. No entanto, isso levanta uma questão importante: será que Mary, por ter melhores condições financeiras, instrução e oportunidades, se dá ao "direito de ser infeliz" por que tem consciência de que isso é um direito seu? Ao contrário de Martha e Dickon, que, apesar de sua pobreza e dificuldades, mantêm uma felicidade aparente, Mary parece incapaz de encontrar satisfação, apesar de ter acesso a recursos e educação.

Embora Martha e Dickon pareçam verdadeiramente felizes, mesmo diante das adversidades, ao trazer essa reflexão para o leitor atual, surgem questionamentos sobre a natureza dessa felicidade. Será que eles são, de fato, felizes? Será que as relações humanas mais positivas que possuem, em comparação com a solidão emocional de Mary e Colin, são suficientes para garantir uma felicidade verdadeira e plena? Ao refletir sobre essas personagens, somos levados a questionar se a felicidade pode ser reduzida a uma simples medida de condições externas, como recursos materiais ou laços familiares, ou se ela está, na verdade, mais ligada à nossa capacidade de encontrar um sentido e significado nas relações e nas circunstâncias da vida, mesmo quando estas são marcadas pela escassez.

Neste estudo, acreditamos que a felicidade plena é um conceito inatingível. O sentimento de felicidade se manifesta de forma pontual, em momentos específicos, e não deve ser determinado pela sociedade. A felicidade ou a infelicidade não podem ser impostas, pois cada indivíduo tem o direito de viver suas emoções de acordo com o que sente, independentemente das condições externas. O que pode ser uma experiência extremamente alegre para uma pessoa pode ser motivo de tristeza para outra, e isso é válido tanto no âmbito pessoal quanto nas relações sociais.

No caso de Mary, quando seus pais morrem e todos esperam que ela sinta tristeza e sofra com a perda, o fato de ela não demonstrar esse sofrimento reflete uma resistência às imposições sociais sobre as emoções. Mary exerce seu direito de não seguir a expectativa coletiva e reage de maneira que a sociedade não compreende, mas que é autêntica para ela. Este episódio exemplifica que a expressão emocional de um indivíduo não deve ser forçada



ou limitada por normas externas. Cada pessoa tem não só o direito, mas também o dever de expressar suas emoções da forma que achar adequada, conforme sua experiência e sentimento genuíno, sem que a sociedade dite quando e como essas emoções devem ser vividas ou exibidas. Assim, a verdadeira liberdade emocional se encontra na possibilidade de viver as emoções de maneira espontânea e pessoal, sem se submeter a expectativas alheias.

Outra forma de resistência se manifesta na capacidade de refletirmos sobre nossas percepções e alterá-las conforme as interações com outros indivíduos e as situações que vivenciamos. No caso de Mary, esse processo de transformação emocional e cognitiva fica evidente quando ela percebe a abundância de comida à sua disposição, mas inicialmente se recusa a comer porque não é exatamente o que ela gosta:

I don't want it, she said.
 Tha' doesn't want thy porridge! Martha exclaimed incredulously.
 No.
 Tha' doesn't know how good it is. Put a bit o' treacle on it or a bit o' sugar.
 I don't want it, repeated Mary.
 Eh! said Martha. I can't abide to see good victuals go to waste. If our children was at this table they'd clean it bare in five minutes.
 Why? said Mary coldly.
 Why! echoed Martha. Because they scarce ever had their stomachs full in their lives. They're as hungry as young hawks an' foxes.
 I don't know what it is to be hungry," said Mary, with the indifference of ignorance.
 Martha looked indignant. (Burnett, 1911, pg. 39-40)

No entanto, ao observar que os irmãos de Martha enfrentam a escassez e muitas vezes ficam sem comida, Mary começa a dar um novo significado ao alimento. Ela passa a reconhecer o valor do que tem, independentemente de ser preparado da maneira que estava acostumada ou de ser algo de seu gosto pessoal.

Essa mudança de perspectiva é um exemplo de resistência à visão egocêntrica e materialista que muitas vezes predomina na sociedade. Ao se conscientizar da diferença entre sua própria situação e a dos outros, Mary começa a experimentar a felicidade de uma forma mais genuína e altruísta, valorizando o que tem, ao invés de se fixar na falta de algo idealizado. Esse processo de reinterpretação da realidade, ao permitir que Mary se sinta feliz com o que possui, evidencia como a mudança interna, impulsionada pela reflexão e pela empatia, pode ser uma poderosa forma de resistência às imposições externas e aos padrões de felicidade estabelecidos pela sociedade.



Se pararmos para refletir, o padrão de felicidade imposto pela sociedade é, de fato, inatingível. As redes sociais, por sua vez, intensificaram ainda mais esse padrão irreal, apresentando uma vida feliz 24 horas por dia, 365 dias por ano. O que vemos são imagens de casas primorosas, carros impecáveis, relacionamentos ideais, filhos exemplarmente educados e corpos perfeitos, tudo isso em um formato extremo e artificial. No entanto, essa realidade exposta nas plataformas digitais não reflete a complexidade da experiência humana. Nenhum ser humano real, mesmo com todos os recursos financeiros à disposição, consegue alcançar esse padrão de felicidade idealizado que nos é imposto constantemente.

O que as redes sociais fazem, em grande parte, é criar uma ilusão de perfeição, levando as pessoas a acreditar que a felicidade se resume a uma série de conquistas materiais e externas, distantes da realidade vivida pela maioria. A pressão para atender a esse modelo pode causar frustração e uma sensação de inadequação, pois, por mais que nos esforcemos, sempre haverá algo que nos falta ou que não conseguimos alcançar. Esse padrão de felicidade, com sua natureza superficial e distante das complexidades da vida cotidiana, acaba por nos distanciar de uma compreensão mais autêntica da felicidade, que é muito mais sobre aceitação, imperfeição e momentos de satisfação genuína, do que sobre a busca incessante por um ideal inatingível.

Essa reflexão sobre a infelicidade como uma forma de resistência também se conecta com o pensamento filosófico de Camus, que, no ensaio *O Mito de Sísifo* (2019), nos apresenta um rei condenado pelos deuses a rolar uma pedra montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta quando atinge o topo. Ao ilustrar essa cena, o autor introduz o conceito do absurdo, argumentando que, assim como a tarefa de Sísifo, a vida humana não possui um propósito pré-determinado. O absurdo, para ele, surge da condição humana de buscar incessantemente um sentido para a vida, o que gera uma angústia existencial.

Ele propõe que o ser humano deve aceitar o absurdo e, dessa forma, acolher a liberdade de viver a vida sem ilusões ou expectativas, renunciando à busca por uma verdade ou um significado transcendente. A personagem Mary representa um exemplo dessa aceitação do absurdo. Ela vive na Índia sem questionar o motivo de seus pais não se comportarem como outros pais, ou da ausência de afeto em sua vida. Ela simplesmente aceita que todos são como são, sem buscar justificativas ou razões para os comportamentos alheios, incluindo o fato de que as crianças do pastor ou a governanta a consideram mimada



e rude. Mary não tenta se desculpar por quem é; ela simplesmente vive e enfrenta as situações que a vida lhe impõe.

Quando se encontra sozinha, embora sinta medo, Mary aceita essa condição, pois, mesmo quando estava acompanhada, sentia-se, de certa forma, solitária. Após a morte de seus pais, ela é levada para viver com a família do pastor enquanto aguarda a viagem para a Inglaterra. A partir desse momento, ela começa um novo capítulo de sua vida, conhecendo a governanta e Martha. Em cada novo encontro, ela apenas aceita e assimila, vivendo sem esperar nada, sem buscar um sentido ou algo extraordinário. Mary, portanto, exemplifica a ideia camusiana de viver plenamente, sem a busca incessante por significado ou uma verdade absoluta, mas com uma aceitação serena da condição humana e da liberdade que decorre do absurdo.

Embora Mary não busque nada extraordinário, ela acaba se deparando com o jardim, um local que desperta sua curiosidade assim que ouve falar sobre ele. No entanto, ela não cria a expectativa de que o jardim transformará sua vida. Sua curiosidade é simplesmente movida pelo desejo de conhecer um lugar ao qual ninguém tem acesso. O jardim, contudo, se revela para Mary um espaço verdadeiramente mágico, no sentido literal da palavra, algo que encanta e fascina.

À medida que Mary passa a cuidar do jardim e a estabelecer conexões mais genuínas com as pessoas ao seu redor, ela não se limita apenas a conviver com elas, mas permite-se desenvolver relações mais profundas e significativas. Esse processo de interação, de cuidado e de convivência, expande seu vínculo não apenas com os seres humanos, mas também com as flores e os animais que habitam o jardim. De maneira gradual, natural e livre, sem qualquer expectativa, nem dela própria nem de qualquer outra personagem, Mary vai se transformando em uma pessoa mais agradável e harmoniosa.

Essa transformação ocorre de forma espontânea, sem pressões ou anseios, refletindo a aceitação do absurdo. Ao se abrir ao jardim e ao mundo ao seu redor, Mary vive uma mudança interna, mas essa mudança é resultado de sua abertura ao momento presente e à simplicidade da experiência, não de uma busca por um sentido, um objetivo maior ou felicidade.

Mary também se torna o ponto crucial na transformação de Colin. Ao enfrentá-lo e quebrar suas expectativas sobre ser uma pessoa frágil e doente, que merece ser atendida em todas as suas necessidades, ela de certa forma o desafia a confrontar a liberdade do absurdo.



Colin, que se via predestinado à morte devido à sua condição de saúde, começa a perceber que não está fadado a um destino determinado apenas pela sua doença. Mary, ao não o tratar com pena ou cumplicidade, mas com uma abordagem de cuidado e sinceridade, força-o a reconhecer que a vida, embora marcada pela inevitabilidade da morte, é uma escolha no que diz respeito ao que fazemos com o tempo que nos é dado.

Ela o obriga a aceitar que, embora todos eventualmente morram, a maneira como escolhemos viver até esse momento é uma decisão individual. Em vez de sucumbir ao papel de vítima de sua condição, Colin é confrontado com a possibilidade de se libertar das expectativas que ele próprio havia criado, e de viver a vida com mais intensidade e liberdade, tal como Camus sugere ao aceitar o absurdo da vida. Dessa forma, Mary não só se transforma ao longo da história, mas também se torna a catalisadora da mudança de Colin, desafiando suas concepções de fatalidade e oferecendo-lhe a chance de escolher sua própria forma de existir.

O conceito de Camus (2019) se encontra em pontos de convergência com o existencialismo de Sartre (2010), ambos compartilham a visão de que a vida não possui um sentido intrínseco. Se refletirmos sobre o mito de Sísifo, podemos considerá-lo, na verdade, um herói existencialista. Apesar de sua condenação eterna, Sísifo aceita sua tarefa, transcendendo o absurdo e encontrando a liberdade de ser e viver, mesmo diante de sua condenação. Ao reconhecer e aceitar a falta de sentido da vida, Sísifo é capaz de viver plenamente, sem ilusões.

No pensamento de Sartre, o existencialismo pode ser resumido pela famosa frase: “a existência precede a essência” (Sartre, 2010, p. 01). Para o autor, existem dois tipos de ser: o ser-em-si e o ser-para-si. O primeiro refere-se ao ser sem consciência, como objetos inanimados, como uma pedra, uma cadeira ou um cortador de papel. Esses objetos não possuem a capacidade de mudança ou definição. Já o ser-para-si é o ser humano, consciente, que se faz e se define por meio de suas ações e escolhas. O ser-em-si é um objeto que foi idealizado a partir de um conceito e fabricado para uma determinada função. Embora possa ser utilizado de maneira diferente daquela para a qual foi projetado, ele em si não se define. A definição de seu uso depende da decisão de um ser humano, que o utiliza conforme sua vontade, seja para o fim para o qual foi formulado ou para outro.

Essa reflexão sobre o ser-em-si se assemelha ao conceito de homem presente no existencialismo cristão, no qual a ideia de ser humano é concebida na mente de Deus. No



entanto, Sartre faz parte da corrente existencialista ateuista, e para ele, “o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada” (Sartre, 2010, p. 01). Assim, para Sartre, o ser humano não possui uma essência pré-determinada; sua existência vem antes de qualquer definição, e é através de suas escolhas e ações que ele se define e dá sentido à sua própria vida.

A subjetividade, segundo Sartre, deriva da ideia de que o ser humano se concebe a partir de sua existência, ou seja, “como se, a partir desse elan de existir, o homem nada fosse além do que ele se faz” (Sartre (2010, p. 01). Esse é o princípio fundamental do existencialismo, o qual também caracteriza a subjetividade. A consciência de que o indivíduo é aquilo que escolhe ser gera angústia, pois traz consigo a percepção da responsabilidade inerente a cada escolha, decisão e ação. Sartre também introduz o conceito de “*má-fé*”, que descreve a tentativa do indivíduo de negar sua liberdade de escolha, refugindo-se em identidades fixas, como se fosse incapaz de mudança. Além disso, ele enfatiza que a presença do outro é uma condição essencial para a formação da identidade humana.

Em suma, há convergência entre Camus, Sartre e Ahmed, pois todos entendem que na aceitação da liberdade de viver as próprias emoções, sem se submeter às normas que ditam o que deve ser sentido ou experimentado, nos construímos e resistimos.

Camus nos convida a acolher a vida, apesar da falta de sentido, sem buscar uma felicidade idealizada, enquanto Sartre enfatiza a responsabilidade de moldar a nossa própria essência por meio de escolhas autênticas. Ahmed, por sua vez, nos dá permissão para reconhecer e viver as emoções consideradas indesejáveis, como a infelicidade, sem que isso seja visto como uma falha.

E essas ideias nos sugerem que a verdadeira liberdade emocional está em permitir-se viver todas as emoções, sejam elas positivas ou negativas, de forma autêntica e no nosso momento, sem pressões ou imposições da sociedade sobre quando é permitido ser infeliz ou de que a felicidade é uma meta de vida, pois as emoções são parte de nossa existência humana.



Considerações Finais

A análise das personagens de *The Secret Garden* à luz das reflexões de Ahmed, Camus e Sartre nos permite compreender como a felicidade e a infelicidade não são apenas resultados das condições externas, mas também das dinâmicas emocionais e afetivas individuais. A obra ilustra que a imposição de uma felicidade idealizada, frequentemente promovida pela sociedade, pode sufocar as experiências genuínas e autênticas das emoções humanas. Mary, ao exercer seu “direito à infelicidade” e ao transformar sua perspectiva sobre a vida, torna-se um exemplo de resistência às expectativas sociais. Sua evolução reflete a ideia de que a verdadeira liberdade emocional reside na aceitação das emoções como elas são, sem as pressões externas que buscam ditar quando e como devemos ser felizes ou infelizes.

Assim, a reflexão proposta por Ahmed, apoiada por Camus e Sartre, sugere que a verdadeira felicidade não é uma meta a ser alcançada, mas sim uma experiência fluida, em que a aceitação das emoções, sejam elas positivas ou negativas, e a liberdade para vivê-las de forma autêntica, são fundamentais para uma vida mais plena e significativa.

Referências

AHMED, Sara. **La promesa de la felicidad: una crítica cultural al imperativo de la alegría.** Apresentação de Nicolás Cuello. 1. ed. Cidade Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

BURNETT, Frances Hodgson. **The Secret Garden.** 1. ed. Londres: Frederick A. Stokes Company, 1911.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Editora Record; São Paulo: Editora Record, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo.** Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

